

Cidade e memória nas redes sociais na internet City and memory on social networks on the internet

Mágda Rodrigues da Cunha¹

Resumo

A crescente apropriação e produção de conteúdos por intermédio das redes sociais na internet definem, no atual contexto, um novo formato de memória sobre as cidades, individual e coletiva, simultaneamente. São múltiplas narrativas que somadas constroem um texto, com fragmentos independentes, assumindo novos significados a cada leitura e a soma das informações postadas, numa rede que se retroalimenta. Neste texto, pretendemos refletir sobre a memória da cidade narrada, tecida coletivamente, a partir das percepções e experiências individuais e coletivas dos sujeitos, do esquecimento e do compartilhamento constante.

Palavras-chave

Memória; cidade; redes sociais; internet.

Abstract

In the current backdrop, the growing content appropriation and production through internet-based social media define a new format to chronicle cities, at the same time individual and collective. The multiple narratives combined put together a text whose independent fragments take on new meanings every time they are read and other pieces of information are posted, making up a network that feeds back on itself. In this text, we mean to look into the chronicles of the city narrated as they are collectively woven based on people's individual and collective perceptions and experiences, oblivion, and constant sharing.

Keywords

Memory; city; social media; internet.

Submetido em 08/10/2013

Aceito em 05/11/2013

Calvino (1990, p.6) diz que a cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.” Ao descrever Zora, o autor a define como cidade que não se elimina da cabeça e a compara a uma armadura ou retículo em cujos espaços cada um pode

¹ Doutora em Letras/PUCRS, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social / PUCRS, artigo vinculado ao projeto de pesquisa Memória, conexão e esquecimento: a reconfiguração do tempo presente pelas redes sociais na internet, mrcunha@puers.

colocar as coisas que deseja recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números, classificações vegetais ou minerais, datas de batalhas, constelações, partes do discurso. Diz ainda que entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidade ou de contrastes que serve de evocação à memória. “Mas foi inútil minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo.” (Calvino, 1990, p.11)

O pensamento do autor sobre Zora traz o paradoxo da preservação da memória da cidade e a sua transformação. Neste texto, o objetivo é abordar exatamente esta transformação subjetiva das cidades que começa a ser registrada por intermédio das redes sociais, evidenciando as relações entre as medidas de seu espaço, os acontecimentos do passado e a mais relevante, talvez, a camada da percepção narrada pelos sujeitos que por ali passam. Por isso, duas perspectivas serão aqui relacionadas: as cidades e a memória. Isso porque entendemos que as narrativas sobre os espaços e sobre as cidades, compartilhadas pelas redes sociais na internet, estão definindo a memória dos lugares e estabelecendo, a partir disso, novas relações dos sujeitos com os referidos espaços.

As investigações a respeito da memória envolvem tradicionalmente uma perspectiva linear, considerando passado, presente e futuro e a observação desses tempos exatamente no lugar onde ocorreram. As memórias pessoais também foram tratadas, em certa medida, de forma individual, como experiências vividas apenas por uma pessoa, fazendo parte da sua história de vida. Com o surgimento e apropriação das redes sociais na internet, esta forma de investigar e considerar a memória passa por um processo de complexificação. Nas redes e no ciberespaço contamos histórias de todas as épocas para muitos, tantos quantos possam e desejem acompanhá-las. Mas também deixamos nossos registros e percepções sobre os lugares que visitamos, as experiências que vivenciamos, nos diferentes períodos da vida.

Em nossas reflexões, identificamos uma dimensão relacionada ao cruzamento das memórias e especialmente à resignificação individual para os que compartilham, mas também para os que leem. Somos hoje mais influenciados por nosso passado, pelos constantes reencontros no tempo presente - por intermédio da leitura nas redes - como também pelas registros alheios, nos rastros que vão sendo deixados.

Neste texto, refletimos sobre a memória produzida nas redes sociais FourSquare e Instagram, observando as camadas de significado deixadas pelos produtores de conteúdo em

relação a determinados lugares. Na reflexão considera-se a expansão da computação ubíqua² e da informação geolocalizada, nos últimos anos, como determinantes para a construção dessa memória coletiva. Com certeza, as narrativas sobre os espaços e lugares, produzidas diretamente dos diferentes ambientes, dizem muito sobre os lugares e permanecerão como mais uma marcação na larga história das cidades narradas.

Nesse contexto, misturam-se memória, como lembrança, mas também como esquecimento, como referem alguns autores. Pretendemos também aqui iluminar aspectos que envolvam o registro dos acontecimentos neste contexto e refletir sobre as informações que vão sendo armazenadas sobre a vida cotidiana nas cidades. Consideramos que são alguns aspectos, entre muitos, que se fazem relevantes na composição desta memória em rede, em constante atualização no tempo presente.

Lynch (1997, p.1) aponta que o design de uma cidade é uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas de outras artes temporais como a música. “Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas.” Cada cidadão faz associações com alguma parte de sua cidade e a imagem de cada um fica impregnada de lembranças e significados.

Como urbanista, Lynch (1997, p.3) considera a legibilidade crucial para o cenário urbano e considera não apenas a cidade em si, mas como a percebem seus habitantes. “Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem.” Perder-se, segundo ele, talvez seja uma experiência rara para as pessoas que vivem nas cidades modernas, por conta de todos os recursos disponíveis. Quando isso acontece, o contratempo da desorientação, o sentimento de angústia irão mostrar com que intensidade a orientação é importante para a sensação de equilíbrio e bem-estar.

Ao mesmo tempo, Lynch (1997, p.7) defende que o observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem.

Um ambiente ordenado em detalhes precisos e definitivos pode inibir novos modelos de atividades. Uma paisagem na qual cada pedra conta uma história pode dificultar a criação de novas histórias... o que procuramos não é uma ordem definitiva, mas uma ordem aberta, passível de continuidade em seu desenvolvimento.

² Computação Ubíqua refere-se à permanência constante de conexão em todos os lugares, onipresente. O termo foi cunhado pelo professor Mark Weiser, cientista chefe do Centro de Pesquisa Xerox PARC, em 1991.

Em outras palavras, o que Lynch propõe é a manutenção da cidade viva e não imutável, a exemplo do que comenta Calvino sobre o sumiço de Zora diante do mundo. E essas relações e significados é que se constroem por intermédio das narrativas nas redes sociais. Cada vez mais, as cidades, mudando ou não fisicamente, passam a ter novos significados, numa existência do vivido pelos sujeitos, independente de seu planejamento urbano ou do que desenharam os arquitetos ao pensarem as construções. São as vivências ali ocorridas, as experiências, os acontecimentos é que vão determinar a lembrança a ser registrada.

Nessa linha, De Certeau (1994, p.177) faz uma analogia entre o ato de enunciar e o ato de caminhar. “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. E quando aborda “a fala dos passos perdidos” entende que os passos moldam os espaços. As curvas, porém, em cheios ou vazios, define o autor, remetem, como palavras, à ausência daquilo que passou. Os destaques de percurso perdem o que foi e só se deixa, então, captar um resíduo colocado no não tempo de uma superfície de projeção. Essas fixações constituem procedimentos de esquecimento.

Com as redes sociais, porém, podemos considerar que cada vez mais essas curvas na caminhada estão sendo preenchidas pelo registro deixado por outros e consultados nas redes sociais na internet. Redes como o FourSquare ou Instagram oferecem permanentemente, para os conectados (ou não, muitas vezes), informações sobre os lugares, dados, percepções e significados que aquele lugar representou pra os diferentes sujeitos que por ali transitam ou transitaram. São essas múltiplas assinaturas, retroinfluenciando a memória de cada um que vão dando novos tons às memórias individuais e coletivas, simultaneamente. Nessa composição, muito fica registrado, mas parte também acaba por ser esquecida entre as camadas de informação.

Nesse sentido, cabe a reflexão de De Certeau (1994, p.177-178) quando fala da atualização que o sujeito faz durante a caminhada. Aponta que se existe uma ordem espacial, que organiza um conjunto de possibilidades e proibições nessa circulação, o caminhante atualiza algumas delas, as desloca e inventa outras, “pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.”

De Certeau (1994, p.179,180) avalia que o uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato, remetendo a uma norma. “O estilo e o uso visam, ambos, uma ‘maneira de fazer’ (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código.” No cruzamento, define, se forma um estilo do uso, uma maneira de ser e maneira de fazer.

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar... compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. (De Certeau, 1994, p.183)

O sentido dado às cidades é que torna a percepção dos sujeitos relevante. Isso porque é nas cidades, como afirma Bauman (2009, p.78), onde vive atualmente mais da metade do “gênero humano”. Elas são de certa maneira os depósitos onde se descarregam os problemas criados e não resolvidos no espaço global. São depósitos sob muitos aspectos - como o fenômeno global - de poluição do ar e da água e “a administração municipal de qualquer cidade deve suportar suas consequências, deve lutar apenas com os recursos locais para limpar as águas, purificar o ar, conter as marés.” Tudo recai sobre a população local, sobre a cidade, sobre o bairro. As cidades são depósitos nos quais se procura soluções locais para problemas que foram produzidos pela globalização.

A afirmação de Bauman aponta para a necessidade de construção de estratégias de sobrevivência em cidades que historicamente resultam da conformação do campo, reunindo aqueles que vieram de fora, em condições urbanas muitas vezes não satisfatórias. Trata-se, em certa dimensão, de uma comunidade que precisa localizar meios de superação, para solucionar os problemas globais. Redes sociais, plataformas tecnológicas para narração compartilhada são recursos que podem estar inseridos para proporcionar a inclusão narrativa, com base em tecnologias móveis.

Mikoleit e Purckheuer (2011) afirmam que as cidades são feitas de cenas e que essas cenas têm uma sintaxe. Na investigação intitulada Urban Code, definem que as pessoas desconfiam de muitas coisas, mas que seguem o sol cegamente e acabam por organizar suas trajetórias na direção de sua luz. Definem que a experiência da vida urbana é também dependente da percepção acústica e as pessoas se acostumaram rapidamente a esses ruídos e agora percebem o barulho de maneira subconsciente. Apenas a comparação com o profundo silêncio poderia alertá-los para a intensidade do ruído do ambiente.

No entanto, mesmo habituados ao ruído e à velocidade determinada pelo desenvolvimento das cidades, os indivíduos tornam-se mais distraídos quando seus referenciais de tempo e espaço começam a ser atropelados pela industrialização, pela modernidade e pelo desenvolvimento das cidades. Cunha (2009) aponta, porém, que distração e conexão não são hoje características apenas dos moradores das metrópoles. As marcas da

industrialização e, conseqüentemente, da produção tecnológica em larga escala, chegam também a espaços remotos.

Nenhuma impressão marca mais fortemente as gerações que vivem entre o final do século XIX e o início do XX, reflete Sevchenko (1998, p.516), do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades. Os novos recursos técnicos, por suas características, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem e alucinam. Isso porque as escalas, potenciais e velocidades envolvidos nos novos equipamentos e instalações excedem as proporções e as limitadas possibilidades de percepção, força e deslocamento do corpo humano.

É nesse cenário que os sujeitos evoluem como narradores das cidades nas redes sociais. Buscando registrar e compartilhar suas percepções sobre o ambiente e motivados pela mídia ubíqua, tecem uma grande rede que define uma cidade virtual, ancorada em fragmentos de percepções individuais, influenciada pela dimensão coletiva.

1. Memória e mídia

O pensamento de Manovich (2011) é relevante nesta reflexão porque define que a nova mídia se caracteriza pela variabilidade e que todos esses processos passam pela automatização, pela computação. O princípio da variabilidade, exemplifica Manovich (2001, p.41), evidencia como, historicamente, as mudanças das tecnologias midiáticas estão relacionadas com as mudanças sociais. Se a lógica da “velha mídia” corresponde a uma sociedade industrial de massa, a nova mídia serve ao princípio de uma sociedade pós-industrial, com valores individuais desenhados. Na sociedade industrial todos deveriam, supõe-se, gostar das mesmas coisas e compartilhar as mesmas crenças. Na sociedade pós-industrial todos os cidadãos podem construir seu estilo de vida e selecionar suas ideologias a partir de um grande número, não infinito, de escolhas. Nesse sentido, as informações que estão sendo deixadas na rede ajudam a compor esta diversidade de informações individuais, ao gosto de cada um, mas especialmente relacionadas às experiências vividas que somadas determinarão uma rede de retroinfluência.

Quando se aborda a questão do registro, é importante refletir também sobre a preservação da memória e as estratégias para essa conservação, como destaca Mitchell (2006), que apresenta o exemplo das gravações e as mudanças tecnológicas em consequência disso.

Segundo ele, originalmente, a memória humana era a única mídia e essa é a tradição oral, transmissão direta de uma memória humana para outra. O desenvolvimento da escrita e as tecnologias de impressão e gravação cumpriram esse papel, agora desempenhado em larga escala pela gravação digital eletrônica. A diferença fundamental em gravar mídia eletrônica, na opinião do autor, é que não há necessidade de transferir fisicamente os artefatos da memória. Está junto com as telecomunicações “nessa espantosa” maneira que induz esse tipo de condição de memória portátil.

Se anteriormente estudar a memória significava estudar a história, seus registros e lembranças de alguns sujeitos mais destacados em qualquer sociedade, hoje concluímos que investigar a memória é descascar algumas camadas históricas que são escritas no tempo presente. É o tempo do novo constante, mas também do eterno retorno. Inicialmente pensamos em memória e sua relação com as bibliotecas, com o armazenamento de informações, retenção e registro. A humanidade talvez nunca tenha imaginado que seria responsável, permanentemente, por escrever suas memórias em um tempo presente, que fica já organizado em escala coletiva e planetária, mesmo que em um modelo não linear.

2. A pós-memória nas redes

Nas investigações sobre memória, Sarlo (2007) aponta que é impossível, a não ser em um processo de identificação subjetiva inabitual - o que ninguém consideraria normal - lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. A autora traz o pensamento de Hirsch que chama de pós-memória esse tipo de lembrança, dando por inaugurada uma categoria cuja necessidade deve ser provada. Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos. Pós-memória seria a memória dos filhos sobre a memória dos pais. A ideia percorreu um longo caminho nos estudos sobre o século XX.

É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles. Esse discurso pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes. Sarlo (2007) relembra que, nas sociedades modernas, essas fontes são crescentemente midiáticas, desvinculadas da escuta direta, de uma história contada ao vivo por seu protagonista ou de alguém que ouviu seu protagonista. A oralidade imediata é praticamente inencontrável, exceto sobre os fatos do mais estrito cotidiano. Essa memória pode se tornar um discurso produzido em segundo grau, com fontes secundárias, que não vêm

da experiência de quem exerce essa memória, mas da escuta da voz ou da visão de imagens, dos que nela estão implicados.

Se o passado não foi vivido, seu relato só pode vir do conhecido através de mediações. Mesmo se foi vivido, as mediações fazem parte do relato. Quanto maior o peso dos meios de comunicação na construção do público, maior a influência que terão sobre as construções do passado. Os fatos midiáticos não são a última novidade, como parecem acreditar alguns especialistas em comunicação, mas a forma como foram conhecidos, aponta a autora. Jornais, televisão, fotografia são meios de um passado tão forte e persuasivo como a lembrança da experiência vivida e muitas vezes se confundem com ela. Toda a reconstrução do passado é vicária e hipermediada, exceto a experiência que coube ao corpo e à sensibilidade de um sujeito.

Nesse sentido, na obra de Sarlo (2007), a pós-memória seria a reconstituição memorialística da lembrança de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui. É preciso admitir também que toda a memória do passado implica sujeitos que procuram entender alguma coisa, colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que viveram a história de fato. O vazio entre a lembrança e aquilo que se lembra é ocupado pelas operações linguísticas, discursivas, subjetivas e sociais do relato da memória: as tipologias e os modelos narrativos da experiência, os princípios morais, religiosos, que limitam o campo do lembrável, o trauma que cria obstáculos à emergência da lembrança, os julgamentos já realizados que incidem como guias de avaliação, aponta Sarlo (2007).

A memória é multimídia, está relacionada a muitas linguagens narrativas e está ligada aos sentidos humanos em todas as suas possibilidades e também aos muitos papéis que o sujeito é capaz de exercer na sociedade, seja presencial ou virtualmente, dimensões cujas fronteiras desaparecem. Ela pode ser de várias ordens caso as investigações não sigam por uma linha generalista. Lembrança ou esquecimento estão associados também a estratégias cerebrais e estímulos que têm origem nas próprias lembranças e vivências.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização.

Se refletirmos a partir das ideias de Sarlo (2007), podemos afirmar que nesse preenchimento constante dos vazios pelas estratégias oferecidas nas redes e também pelo

retrossignificado que as mensagens assumem, vivemos em um tempo de construção de uma pós-memória simultaneamente aos registros que vão sendo deixados. Cada experiência registrada, cada comentário feito a respeito de determinado lugar ajuda a tecer essa rede narrativa que faz conviver a experiência em primeira mão, mais todas as demais que vão sendo coladas. Não há mais memória do passado, mas permanentemente do presente, como pensa Virilio (2006). Trata-se da presença de acontecimentos do passado em um tempo presente. O passado passa a existir no tempo presente e nessa velocidade registra-se um encurtamento de tempo para que o fato passe a outra esfera da memória.

Virilio (2006, p.93) reflete sobre a memória “vívida”, memória do que ocorre no momento, como um elemento novo oferecido pelas tecnologias de comunicação. Isso, pensa ele, traz um paradoxo, pois a televisão ou a internet e outras tecnologias promovem a ideia de uma memória do instante presente. “É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante no tempo: um efeito de dilatação.” Nessa perspectiva, o autor entende que as tecnologias funcionam para a memória como um telescópio e acredita que a internet e as tecnologias de informação permitirão ver o que se passa no mais curto espaço de tempo, o que se passa na comunicação. Nesse ponto de sua reflexão, define como uma memória que diz respeito à comunidade, pois não há memória por si. Memória, segundo Virilio (2006), é uma linguagem, um utensílio de comunicação. Não há memória que não seja coletiva.

Ernst (2013), de sua parte, define que uma imagem na memória ainda não é um arquivo. O que determina a diferença entre a memória e um arquivo é a organização de formatos de arquivos. Ao citar Foucault, o autor reforça que a arqueologia do conhecimento oferece descontinuidades, intervalos, silêncios e rupturas, em oposição ao discurso histórico. Os arquivos, a exemplo de todos os bancos de dados, estabelecem relações não apenas baseadas em causa e efeitos, mas através de redes.

3. A memória da cidade

Numa construção narrativa, a partir da geolocalização, a história das cidades, de seus principais pontos ou mesmo lugares de passagem, vem sendo desenhada. Essas narrativas dos muitos sujeitos que compartilham suas experiências, convivem com as informações compartilhadas oficialmente por guias especializados ou prefeituras. Dependendo da institucionalização e do grau de organização, estas narrativas autônomas se sobreporão às demais.

Para essa reflexão, buscamos alguns exemplos reunindo narrativas do FourSquare e do Instagram, sistemas que permitem o registro e o compartilhamento das memórias. O FourSquare é um aplicativo gratuito, baseado em geolocalização, concebido em Nova Iorque, em 2008, e lançado em 2009, que permite compartilhar e salvar os lugares visitados, através do chamado check-in. Oferece também recomendações personalizadas e possibilidades baseadas em informações sobre lugares visitados pelo indivíduo, seus amigos e pessoas de gosto semelhante. Números atualizados em janeiro de 2013 e apresentados no site da rede social na internet apontam 30 milhões de pessoas conectadas no mundo e mais de três bilhões de check-ins diariamente.

O Instagram tem como principal mecanismo a postagem e edição de fotos produzidas, em sua maioria pela câmera de um dispositivo móvel, e a utilização de hashtags³ (#) para referenciar essas imagens capturadas a partir de um contexto urbano. O Instagram definiu um estilo próprio de compartilhar e armazenar a informação geolocalizada, uma vez que essa possibilidade amplia a interação social no espaço físico.

Tendo sua base de relacionamento pautada pela existência de seguidores, as relações no Instagram se estabelecem quando os indivíduos são vinculados à conta de outros usuários ao clicar no botão “seguir”. Assim, as atualizações dos seguidores aparecem automaticamente no feed de notícias do usuário permitindo “curtir”, ao clicar no coração, e “comentar” ao se utilizar do código (@).

As hashtags, por sua vez, cumprem o papel de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto. O usuário pode adicionar uma “tag” a uma imagem, utilizando o símbolo (#), unindo-a automaticamente a todas as outras imagens “tagueadas” com a mesma palavra. Essa funcionalidade locativa abriu caminho para um compartilhamento de insights do cotidiano das pessoas em tempo real. Linascheke (2011) ressalta que o Instagram é uma comunidade fotográfica, e isso explica tamanho sucesso. Comparando-o com redes sociais como o Twitter e o Facebook, o autor observa que ele é a única rede social inteiramente baseada em fotografias. Há algum texto permeando tudo isso, alguns comentários, e outras tantas curtidas, mas, mesmo assim, tudo se resume à imagem e é justamente por isso que o Instagram é único, não há como fazer uma postagem sem se utilizar de uma fotografia.

Certamente, alguns resultados estão relacionados ao modelo de gestão das cidades e mesmo dos locais públicos, além das diferenças culturais. Observamos as informações

³ Informação que agrupa determinado tema que está sendo tratado, composta pelo sinal # (hash) e uma tag (etiqueta).

produzidas sobre a Public Library e o Public Garden, em Boston, nos Estados Unidos, dois lugares públicos e conhecidos na cidade. Buscamos informações também em Porto Alegre, no Brasil, sobre o Parque Farroupilha e a Biblioteca Pública Municipal. Observa-se que os resultados dizem muito sobre a relação entre as pessoas que produzem essas narrativas e as cidades. Numa observação mais abrangente, é possível afirmar que a soma das narrativas pode ser transformada em um único texto que dá conta da história dos lugares, pela percepção e narração oficial e também através da narração dos sujeitos pelas redes.

No caso da cidade de Boston, no FourSquare, por exemplo, são muitas informações históricas produzidas oficialmente, por intermédio de guias especializados e da administração municipal ou da biblioteca, que convivem com as múltiplas narrativas sobre os dois espaços. Os comentários a respeito da Public Library evidenciam sugestões, como a qualidade da cafeteria e a possibilidade de obter um cartão da Biblioteca. São postadas ainda imagens dos ambientes internos e externos. Uma frequentadora sugere visita à fonte aberta e às esculturas de mármore. Um dos frequentadores também chama atenção para a proibição do ingresso portando alimentos e narra sua própria experiência. Algumas postagens apontam para a presença dos cidadãos que não têm onde morar, chamado “homeless”, mas salientam a qualidade do lugar para estudar. É possível conhecer a origem desses lugares, ter experiências múltiplas, mas também problemas e defeitos, típicos de cada sociedade e das cidades atualmente.

A análise das postagens do Public Garden aponta uma recomendação sobre o caminho: “passe pelo lugar em que foi realizado o primeiro casamento entre pessoas do mesmo sexo no país, Arlington St. Church. As tulipas são famosas no parque e são aclamadas por frequentadores e pelos guias ou pelo sistema intitulado “I Walked Audio Tours”. Outra atração do parque evidenciada pelas narrativas são os esquilos, além dos muitos ângulos dos quais o parque pode ser fotografado. Uma recomendação relembra que é proibido alimentar os patos, mas que dar a eles pão é a única forma de fazer muitos amigos rapidamente. Alguns frequentadores lembram também sobre a proibição de cruzar o parque de bicicleta ou sobre a presença de um “homeless” em especial. Outros únicos chamam atenção como: “não alimente os turistas alemães”. Na comparação entre as postagens, o parque realmente reúne um número maior de narrativas por parte de frequentadores do que de informações oficiais. Já o FourSquare da Public Library tem maior abastecimento oficial.

No Instagram, a “hashtag” #bostonpubliclibrary reúne, no momento em que foi analisada, aproximadamente três mil postagens. As imagens apresentam os melhores ângulos

do edifício, reunindo fotos que proporcionam conhecer os diversos ambientes. Proporcionalmente, é reduzido o número de imagens em que os frequentadores aparecem. Há realmente interesse em mostrar a edificação e seus atributos estéticos. A população de Boston tem uma sólida relação com a sua biblioteca pública, assim como os turistas acabam sendo cativados. E isso é possível evidenciar pela memória apresentada nas duas redes sociais.

A “hashtag” #bostonpublicgarden proporciona conhecer belas imagens do parque, em aproximadamente quatro mil postagens, quando consultado o Instagram. Mas é significativo o número de imagens pessoais dos frequentadores. Parque e Biblioteca prestam-se a comportamentos diferentes, são lugares para diversão e estudo, respectivamente. Além disso, o edifício de uma biblioteca determina menor exposição pessoal.

No caso de Porto Alegre, há uma forte relação da população com o Parque Farroupilha, evidenciada pelos comentários no FourSquare, mas uma relação pobre dos cidadãos com a biblioteca pública. A rede de comentários é praticamente alimentada por frequentadores do Parque, tendo poucas informações oficiais, como da administração do parque ou da Prefeitura Municipal. Todas as recomendações e sugestões são narradas a partir das experiências pessoais vividas nesse ambiente. Já a Biblioteca Pública está registrada no FourSquare e tem apenas 3 comentários, 2 informando o endereço correto e um sobre a reforma do edifício histórico que já dura algum tempo. No Instagram, as “hashtags” que levariam ao conteúdo sobre a biblioteca, não chegam a nenhum resultado. No mesmo Instagram é possível observar em muitas imagens experiências de usuários no Parque Farroupilha por intermédio das quase 700 imagens postadas por ocasião da consulta. Seja qual for a cidade, será possível, a partir dos comentários deixados, e das imagens postadas, construir a memória pela narrativa não só sobre a relação das pessoas com os espaços, mas trazer à tona alguns traços da cultura local.

Retomando o que apontamos anteriormente, identifica-se em todos os casos a cidade narrada relacionada à cidade pela qual transitam os indivíduos. Mas se decidirmos descrever a cidade e seus espaços apenas pelos relatos no FourSquare e Instagram, teremos ali a existência do espaço urbano concreto, também. Turkle (2006) considera a dimensão virtual da comunicação e afirma que memória e lugar tornaram-se desconectados. Memória, nesse caso, relacionada a edificações. Isso porque com a web ubíqua os indivíduos podem consumir informação em qualquer lugar e não precisam, por exemplo, estar entre os pilares e afrescos de uma biblioteca, exemplo usado pela autora.

Mais importantes do que o lugar que preserva a memória, são as relações. Turkle (2006, p.287) entende que uma comunidade não pode existir se os laços entre os membros são

meramente transitórios. Mesmo com trocas em rede, descobrimos novas formas de “raízes”. Essas formas serão cada vez mais centrais para os novos paradigmas de comunicação.

Somado a multiplicidade de papéis vivida pelo sujeito, no seu dia a dia e na dimensão virtual, Turkle (2006, p.299) sublinha que a natureza “armazenável” das trocas virtuais confronta as pessoas com a transferência, um fenômeno que acontece em encontros psicanalíticos. A correspondência eletrônica se torna um objeto a ser considerado para pensar a transferência. Outro fato está relacionado com o novo status dos objetos da memória, porque eles aparecem no mesmo formato e com a mesma presença na tela que os “novos” objetos. “Nossa história não é baseada em páginas empoeiradas, páginas podres. Nossa história não está inscrita no papel que se desintegra. Não, ela está bem ali, na mesma forma que os acontecimentos atuais...”

Na atualização, os sujeitos estão sendo cada vez mais influenciados pelas marcas deixadas por outros. As suas percepções e significados sobre os lugares e as cidades resultam dos cruzamentos da pós-memória, como conceitua Sarlo (2007), cujo pensamento pode ser aqui aplicado.

Turkle (2006, p.302) aponta que a definição de memória passa a ser múltipla. Da mesma forma que as pessoas ficam acostumadas aos diferentes aspectos do eu, também ficarão acostumadas aos diferentes registros da memória. “As memórias da comunidade serão múltiplas.”

E quando todas essas dimensões se somam, constituem também memória coletiva e excesso de informação, simultaneamente. “Talvez o aspecto mais notável da memória é o esquecimento.” (McGAUGH *apud* IZQUIERDO, 2006,p.289). A afirmação de James McGaugh, considerado um dos mais importantes pesquisadores na área da memória nos últimos 50 ou 60 anos, é representativa, mais do que em qualquer outro momento da história. Isso porque não há informação de um cenário que envolva tantos paradoxos em torno das narrativas e de seus registros, somando ainda escrita, imagens, memória, esquecimento e sabedoria. Na medicina, conforme Izquierdo (2002), os estudos apontam que os mecanismos da memória se saturam. É necessário esquecer ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias.

Akoun (2006, p.229) fala do esquecimento e analisa as temporalidades – mítica, histórica ou estética – que caracterizam a atual vivência comunitária da sociedade. Afirma que “tudo existe somente nesse aparecer e desaparecer”. No processo, tudo o que parece aparecer e desaparecer não pode dizer que teve existência própria, imóvel, incapaz de se perder no fluxo do tempo que passa.

Considerações finais

O desenho do cenário aqui descrito não pode ser atribuído apenas às tecnologias de comunicação. São variáveis de horizontes que se acumulam e que resultam em camadas históricas que agora podem ser reveladas. Esta revelação, porém, emerge de forma desordenada, não linear e encontra sujeitos muitas vezes surpreendidos por suas próprias memórias e narrativas que, desejem eles ou não, invadirão o seu cotidiano.

Muitos pensaram sobre a narração das cidades, especialmente na modernidade. Benjamin (1991, p.33) aponta que, assim como a arquitetura começa a se emancipar da arte com a construção em ferro, a pintura o faz com os panoramas. Mediante artifícios técnicos, os panoramas eram pontos de uma imitação perfeita da natureza. “Procurava-se reproduzir a alternância das horas do dia na paisagem, o surgimento da lua, o fragor das cascatas.” O autor relata ainda que à medida que os panoramas procuram reproduzir na natureza representada alterações enganosamente similares, prenunciam, para além da fotografia, o cinema mudo e o cinema sonoro.

As redes sociais evidenciam hoje esse panorama sobre as cidades. As narrativas mais do que descreverem, tornam-se estratégias de sobrevivência baseadas no compartilhamento de informações, construindo memória e pós-memória sobre as relações com esses espaços, neste tempo. São narrativas que preenchem os lapsos de esquecimento pelo excesso de informações produzidas. No entendimento de Benjamin (1991) os panoramas anunciam uma revolução no relacionamento da arte com a técnica e são, ao mesmo tempo, a expressão de um novo sentimento de vida.

E, a partir da narração desse novo sentimento, segue-se uma sucessão de orientação e desorientação na circulação pelas cidades. Canevacci (1997, p.104) ao estudar os textos de Benjamin, define que estamos habituados a aprender a orientarmo-nos e poderíamos dizer que o Oriente existe só por isso: para permitir ao Ocidente orientar-se. “Vice-versa, aprender a desorientar-se significa para mim afrouxar o domínio sobre os conceitos e métodos demasiado normais, seguros, habituais, hiperconhecidos.” Na sua circulação e narração pelas cidades, os sujeitos afrouxam o domínio sobre o caminho conhecido, mas simultaneamente tentam orientar-se pela narração. É tipicamente o caso dos comentários no FourSquare a respeito de lugares específicos. São comentários orientadores de qualidade, percepção e preços.

Nessa linha de orientação e desorientação, Lynch (1997) ressalta, além da legibilidade, a importância da imaginabilidade das cidades, característica que confere alta probabilidade de evocar imagem forte em qualquer observador dado. Diz que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas intensamente presentes aos sentidos. E é a intensidade dos sentidos que se vê narrada nas fotografias produzidas no Instagram. Embora sejam, em muitos casos, sentidos esteticamente belos, são percepções daquele ponto de vista sobre a cidade.

Nessa reflexão, analisando alguns pontos das múltiplas camadas que constroem a memória coletiva, a partir das narrativas, entendemos que há, conforme pensa Sarlo, uma pós-memória sendo organizada. Muito do que é compartilhado é a vivência do outro sobre as cidades, assumindo novos significados a cada nova etapa em que é consultada e anexada como informação àquele espaço ou lugar. Nesse registro e esquecimento permanentes, a consulta é sempre possível, de qualquer ponto, dando também um sentido de descolamento como avalia Turkle, num abastecimento sempre presente, no pensamento de Virilio. Há um novo modelo de memória sendo construído. Ela não é mais em primeira mão, mas é ao mesmo tempo genuína para cada um, mesmo influenciada pela rede que retroalimenta todo o processo de maneira dinâmica. São fragmentos independentes que têm sentido separadamente, mas que colados em múltiplas versões, produzem novos e múltiplos outros sentidos e significados, determinando novos vínculos ou novos descolamentos, permanentemente. Ocuparão, no futuro, o lugar dos cartões-postais ilustrados que mostram a antiga Maurília, descrita por Calvino (1990), onde o viajante é convidado a visitar a cidade, enquanto observa as velhas imagens que mostram como tudo havia sido. Assim como, no pensamento do autor, os velhos cartões-postais não representam a cidade do passado, mas uma outra, as narrativas presentes nas redes sociais, descrevem a cidade percebida na sua relação com os sujeitos. A cidade narrada é a mesma e é outra simultaneamente.

Referências bibliográficas

AKOUN, André. Sobre o tempo. In: CASALEGNO, F. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BENJAMIN, Walter; KOTHE, Flávio R. Sociologia. **Grandes cientistas sociais**, v. 50, São Paulo: Ática, 1991.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. Conectados e distraídos. Corpos caminhantes e ação narrativa. *Revista GHREBH*, vol. 14, 2009.

ERNST, Wolfgang. *Digital memory and the archive*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

IZQUIERDO, Ivan. (2002). *Memória*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

____; BEVILAQUA, Lia.; CAMMAROTA, Martín. *A arte de esquecer*. Estudos Avançados: São Paulo, 2006.

LINASCHEKE, Joseph. *Getting the most from Instagram*. Berkeley: Peachpit Press, 2011.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MANOVICH, Lev. *The Language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.

MIKOLEIT, Anne & PÜRCKHAUER, Moritz. *Urban Code*. Cambridge: MIT Press, 2011.

MITCHELL, William. Diálogo com William J. Mitchell. Lugares, arquiteturas e memórias. In: CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIRILIO, Paul. Diálogo com Paul Virilio: o paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Sites:

<https://foursquare.com/about> (consultado em setembro de 2013)